

LITERATURA E CONSCIÊNCIA DA HISTÓRIA

Maria Therezinha do Prado Valladares

UERJ—PUC—Letras

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*.
Lisboa, Editorial Caminho, 1984

Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, teve uma “vida” Criado em “gente”, foi poeta, amou, não amou, não importa. O que importa é que salta das páginas de Fernando Pessoa para as de José Saramago, que mais do que verificar o que foi ou quem foi Ricardo Reis, reconstrói um “ser”. E, além de desenvolver um processo em que a intertextualidade é fundamental, faz conversarem, diretamente, Ricardo e Fernando, este numa tranqüila volta da morte. Essa conversa, além de ser a imagem nova de um Fernando Pessoa, transmutado em personagem de romance, é a afirmação da permanência da leitura na história, novo texto, transfiguração, radicalização e transparência de realidades atualizadas.

Um dos diálogos, não há necessidade de abundância de exemplos, é suficientemente rico para nos fazer ler a leitura da história. Fernando Pessoa e Ricardo Reis, depois do encontro com o agente Victor, fazem a leitura de um jornal, informativo de Portugal e do mundo. Noticiário, as “notícias” são mero pretexto para que se busque a pátria, os movimentos políticos, o ditador, os pobres, o divino e o humano, o colonialismo e a atualização da *Mensagem*, entre outras categorias que poderiam ser levantadas:

Você sabia que o Hitler fez anos, quarenta e sete, não acho que a notícia seja importante, porque não é alemão, se o fosse seria menos desdenhoso, e que mais. Diz que passou revista a trinta e três mil soldados, num ambiente de veneração quase religiosa, palavras textuais, se quer fazer uma idéia ouça só esta passagem que Goebbels fez na ocasião. Leia lá. Quando Hitler fala é como se a abóbada de um templo se fechasse sobre a cabeça do povo alemão /.../

Em todo o caso, você tem de reconhecer que estamos muito à frente da Alemanha, aqui é a própria palavra da Igreja a estabe-

lecer mais do que parentescos, identificações, nem sequer precisávamos de receber o Salazar de presente, somos nós o próprio Cristo. Você não devia ter morrido tão novo, meu caro Fernando, foi uma pena, agora é que Portugal via cumprir-se, /.../

Acrescido de outros elementos captados na leitura, o ditador Salazar é mostrado, ironicamente, como o grande pai:

Diga-me, Fernando, quem é, que é este Salazar que nos calhou em sorte. É o ditador português, o protector, o pai, o professor, o poder manso, um quarto de sacristão, um quarto de sibila, um quarto de Sebastião, um quarto de Sidório, o mais apropriado possível aos nossos hábitos e índole, /.../

Até num simples “informe” o texto nos apresenta o fado, a sorte, como elemento “explicativo” da organização portuguesa. Ora, sabemos que Saramago radicaliza este ponto para condená-lo. Vemos o autor, na entrevista a Cremilda de Araújo Medina, declarar:

Esta é uma terra em que a educação orienta para o estereótipo de que somos um povo historicamente predestinado.

É o sentimento português da sorte, do destino, o que transparece na fala de um Fernando Pessoa personagem, mas “pessoa” da história. Aliado ao item da divinização do poder, o divino e o humano se transmudam num processo de dominação do povo condenado a aplaudir o grande pai, Salazar, também como personagem-pessoa. Este é aqui o mais fascista dos fascistas, mais nacional-socialista do que Hitler, mais santo, sutilmente, sem que uma só palavra explícita de condenação seja escrita por Saramago. É na comparação com os acontecimentos na Alemanha, na própria disposição das “notícias”, que Salazar sai ganhando. É também a negação do “fantasma” Fernando Pessoa.

Enfim, é Fernando Pessoa morto, o mesmo que era Fernando Pessoa vivo.

Já que vive na leitura histórica. E na leitura já também histórica da *Mensagem*, Pessoa se lê na reflexão, via *O ano da morte de Ricardo Reis*. E um a um os mitos portugueses são desmontados na leitura do jornal-documento re-inventado. “Esqueceu-se dos milagres”. Não foram esquecidos, não. Da visão de Cristo guiando Afonso Henriques até Fátima, ali presentes, implícita ou explicitamente, todos, desaparecem nesse turbilhão do presente. Deus deixou de ser um mero “avaliador político”.

A ironia, como procedimento literário; elimina o significado do sintagma e o vira pelo avesso. Nessa leitura do avesso do texto, o lugar

assinalado é o da realidade recuperada, eliminada a ideologia que a encobre. E a metáfora que precisa ser desvelada é aquela que pode ser entendida como a morte do já lido, já dito, já sabido, pela presença da realidade-movimento, do processo verdadeiro de construção da história pelo homem.

A sexualidade se presentifica, principalmente, através de dois encontros — o de Ricardo Reis com Lúcia e o de Ricardo Reis com Marcenda. Mas aí repete-se, nas possibilidades e realizações do ato sexual, a estrutura de controle da ideologia sobre o indivíduo. Com Lúcia a estratificação social impede um aparecimento público da existência da relação, mas não impede o ato em si. Contudo, o poder está introjetado no casal, controlando-o, não apenas publicamente, mas na cama

/. . / e saber que para lá daquela porta espera o homem, que estará ele a fazer, o que pensa adivinho, se aqui entrasse, se viesse ver-me, olhar-me, e eu nua como estou, que vergonha, será então de vergonha que o coração bate tão depressa, ou de ansiedade, agora sai da água, todo o corpo é belo quando da água sai a escorrer, isto pensa Ricardo Reis que abriu a porta. Lúcia está nua, tapou com as mãos o peito e o sexo, diz, não olhe para mim, é a primeira vez que assim está diante dele /. . / enfim aparece corajosamente nua /. . / e é Ricardo Reis quem treme, chega-se infantilmente para ela, pela primeira vez estão ambos nus, depois de tanto tempo, /. . /

“Pela primeira vez estão ambos nus, depois de tanto tempo” é o “mote” para o desenvolvimento da análise. O social controla a mente que controla o corpo e as atitudes em relação a ele. Ricardo Reis, via Saramago, liberta aquela Lúcia das odes mas a ideologia a prende no impedimento do prazer do corpo nu em contacto com o outro (o que faz também com Ricardo). E ainda a obriga a simular o ofício não seu de mulher a dias, que encobre a amante que é mas não pode ser. E é muito mais para proteger o homem, do que a ela, que o respeito ao senhor doutor tem que ser mantido. É sempre a marginalidade da mulher no jogo da sua própria sexualidade.

O segundo encontro, com Marcenda, não se dá. Ou se dá fortemente. Precisamos, mulheres em todas as ditaduras (oficiais ou não) do simulacro do amor para as relações sexuais abençoadas pela Instituição. Marcenda é jovem, mas mutilada — no braço e no coração. Ricardo Reis é velho para ela. Mas ambos são ficção e ele ficção da ficção. Mantenhamos o amor como ficção e ninguém se aborrece. Nem Camões. Mantenhamos a harmonia social vagando plena em todos os lares de bem.

*Um dia, e não acabou a frase, alguém a
continuará sabe-se lá quando e para quê,*

*outro a concluir mais tarde e em que lugar,
por enquanto é isto apenas, um dia.*

É esta a consciência histórica de Saramago. Um dia, apenas um dia, alguém se ocupará desse texto e completará a frase inacabada. O sentido dela aqui é não ter sentido nenhum ou ter todos os sentidos possíveis. Mas ela é, fundamentalmente, a brecha para a presença de um novo presente histórico. Amor, Marcenda, Ricardo Reis — simples pontuações a serem revisitadas e corrigidas. Na história.

Outros elementos são facilmente levantados no texto — as grandes navegações, o colonialismo, as guerras, revoluções e golpes, o nazismo, Camões e seus símbolos, a *Mensagem* “corrigida”, as Odes de Ricardo Reis, ou outras mais. Contudo, o que já foi apresentado é suficiente, como amostragem, para que se entenda Saramago como um escritor que faz literatura com a consciência da história. Seus romances são históricos. Não no sentido do romance histórico tradicional, como o de Alexandre Herculano. Não por conterem um D. João V ou um Salazar, ou ainda por trazerem um personagem-gente como Fernando Pessoa. São romances históricos por serem busca e análise permanentes, por enterrarem o fado e levantarem do chão as razões da mesmidade. Por analisarem o passado mas não viverem nele. Por considerarem o saber um trabalho e não assumirem o conhecimento como lápide. Por quebrarem a lápide e viverem a vida vivos e mortos, no coro entoado pelas histórias-histórias de todos nós.